

Iteração, frequência e habitualidade: algumas reflexões¹

Luís Filipe Cunha

1. Introdução

O objetivo central do presente trabalho será o de explorar algumas das diferenças que, em termos semânticos, nos permitem distinguir iteração, frequência e habitualidade. Procuraremos caracterizar cada uma destas configurações, destacando as suas propriedades semânticas mais relevantes. Defenderemos a ideia de que são fatores eminentemente aspetuais que estarão na base das divergências de comportamento manifestadas pelas três construções em análise.

Na secção 2 daremos destaque às configurações iterativas; em 3 analisaremos as construções de frequência e em 4 voltaremos a nossa atenção para a expressão da habitualidade. Finalizaremos com uma breve referência a alguns dos critérios que nos permitem diferenciar frequência e habitualidade.

2. Iteração

Em termos gerais, assumiremos que a iteração se caracteriza pela emergência de um padrão de repetição de situações “contíguas” (i.e., sem pausas significativas entre si) que, no seu conjunto, dão origem a uma eventualidade derivada de tipo processual. Em consequência, as configurações iterativas deverão ocorrer tipicamente em intervalos de tempo curtos e perfeitamente delimitados.

Procuraremos, seguidamente, avaliar em que medida as propriedades de carácter geral que acabámos de apontar se encontram, na verdade, refletidas no comportamento linguístico ostentado pelas estruturas em questão.

Sob um certo ponto de vista, podemos dizer que as construções de iteração dão conta de um evento de carácter processual formado a partir da “concatenação” de um número variável de situações. Encontramo-nos, pois, perante a repetição de eventos

¹ Este trabalho foi publicado anteriormente em *Atas del VII Congr s de Ling stica General*, Barcelona, Departament de Ling stica General, Universidade de Barcelona, 2006. (Dispon vel em CD-Rom)

de natureza idêntica no interior de uma única eventualidade de índole derivada.

Como veremos mais à frente, as subeventualidades que constituem os processos iterados comportam-se, de uma certa forma, como as “fases” constitutivas dos processos de tipo básico. Isto significa que os eventos sujeitos à operação de iteração remetem para “partes” ou “porções” espaço-temporalmente integradas na situação derivada.

Por outro lado, e tal como sucede com as subfases constitutivas de uma qualquer atividade, não é possível determinar com precisão o número de eventos repetidos no interior de um processo obtido por iteração. Esta indefinição quanto à cardinalidade das subsituações constitutivas de um processo iterado estará, por certo, na base do carácter relativamente homogêneo e cumulativo que o identifica.

A iteração pode ser desencadeada por uma série de fatores que vão desde certas propriedades lexicais e morfológicas associadas ao verbo (cf. (1)) até ao tipo de argumentos internos subcategorizados (cf. (2)) ou adverbiais temporais durativos em conflito com o “perfil” temporal básico do evento da frase (cf. (3)).

- (1) O canário saltitou na gaiola.²
- (2) O Guilherme comeu bolachas (durante meia hora).
- (3) O Pedro bateu à porta durante meia hora.

Em exemplos como os de (2), a não delimitação associada à presença do mero plural parece poder conduzir a uma leitura iterativa da predicação em causa. Já em (3), é a combinação de um adverbial durativo com uma situação básica de cariz pontual que desencadeia a iteração manifestada.

Como já fizemos notar anteriormente, as configurações iterativas dão conta de processos de natureza derivada – também designados Atividades de múltiplos eventos (*Multiple-event Activities*), na terminologia de Smith (1991) –, cujas subfases sucessivas são, tipicamente, formadas pelos eventos repetidos que as constituem. Procuraremos, em seguida, aduzir alguns argumentos que nos possibilitarão sustentar um tal ponto de vista.

Refira-se, desde já, que as configurações que envolvem iteração ostentam as propriedades características dos processos, ou seja, dão conta de predicações de tipo dinâmico, durativo e atélico. Poderemos, pois, afirmar que a operação de iteração resulta num “*output*” de natureza processual. A aplicação dos diferentes “testes” comumente utilizados para a identificação da categoria aspetual em causa confirma este facto.

² Sublinhe-se que, em estruturas como as representadas em (1), não nos encontramos, em rigor, perante casos de iteração. Na realidade, embora ostentando um comportamento muito próximo ao dos verdadeiros processos iterados, este género de configurações não nos permite, em última instância, um acesso direto aos eventos básicos que compõem a atividade em questão, ou seja, não encontramos referência explícita à predicação de origem a partir da qual esta seria obtida. No entanto, estão disponíveis nominalizações (cf. saltos) que, sob um certo ponto de vista, parecem poder ser identificadas como as subfases sucessivas requeridas pelas construções em causa. Um caso muito semelhante será o de “martelar”: embora este verbo, para a maioria dos falantes, dê lugar a leituras de índole necessariamente processual, existe uma ligação evidente entre o referido processo e a nominalização com que se relaciona, i.e., as marteladas. Dadas as limitações de espaço a que estamos sujeitos, não aprofundaremos aqui este problema.

Observe-se, em primeiro lugar, que, tal como sucede com os restantes processos, as construções iterativas são cumulativas e (relativamente) homogêneas. Assim, se é verdade que “O Pedro bateu à porta das 8.00 h. às 8.15 h.” e que “O Pedro bateu à porta das 8.15 h. às 8.30 h.”, então podemos concluir que “O Pedro bateu à porta das 8.00 h. às 8.30 h.” descreve um estado de coisas igualmente verdadeiro. Por outro lado, se é verdade que “O João saltou durante meia hora”, então “O João saltou durante um quarto de hora” também o será necessariamente. Finalmente, se “O João está a saltar há cinco minutos” descreve um estado de coisas verdadeiro, então daí poderemos inferir que “O João saltou (durante cinco minutos)”.

Sublinhe-se, porém, que, tal como nas restantes atividades, e contrariamente ao que sucede com os estativos, a homogeneidade manifestada pelas construções iterativas é relativa, na medida em que a verdade da proposição veiculada não se verifica em todo e qualquer instante do intervalo considerado. De facto, tal como “correr” é constituído por subfases sucessivas (as passadas) que impõem um limite à divisibilidade da referida situação, também no caso das configurações de iteração cada evento-base que as integra se assume como uma subfase do processo derivado, para além da qual a divisibilidade se torna inviável. Nos exemplos acima referidos, cada evento particular de “O Pedro bater à porta” ou de “O João saltar” constitui uma subfase do processo iterado para além da qual a ideia de homogeneidade deixa de desempenhar um papel relevante.

Note-se, de passagem, que, dado tratarem-se de situações básicas, as subfases sucessivas que constituem os processos iterados se “destacam” de uma forma bem mais evidente do que as que compõem os processos não derivados, pelo que, por assim dizer, o tipo de homogeneidade ostentado pelos primeiros é talvez percecionado como sendo um pouco menor e menos óbvio do que o dos segundos. Todavia, a aplicação dos testes relevantes demonstra que, pelo menos até um certo ponto, as configurações iterativas manifestam um certo grau de homogeneidade, na medida em que preservam inalteradas as suas propriedades características quando sujeitas à divisibilidade (naturalmente, até um determinado limite).

Por outro lado, as configurações iterativas revelam-se perfeitamente compatíveis com adverbiais de simples duração, mesmo quando os eventos-base que as constituem não admitem a sua comparência. Comparem-se, a este respeito, (4) e (5), que descrevem processos iterados integrando pontos e culminações, respetivamente, com (6) e (7), em que a repetição das eventualidades pontuais correspondentes não é permitida:

- (4) O Pedro bateu à porta durante vinte minutos.
- (5) O Rui chutou a bola durante vinte minutos.
- (6) * A bomba explodiu durante vinte minutos.
- (7) * A Lígia partiu o braço durante vinte minutos.

As construções iterativas são igualmente compatíveis com os vários operadores aspetuais que, segundo Cunha (1998c) e Oliveira (2003) requerem um “*inpu*” de tipo processual. Referimo-nos, por exemplo, a *continuar a*, a *parar de* ou a *acabar de*. Os exemplos que se seguem ilustram este facto, comparando, mais uma vez, processos iterados (cf. (8)-(10)) com eventos pontuais que não admitem iteração (cf. (11)-(13)):

- (8) A Maria continuou a bater à porta.
- (9) O António parou de tossir.
- (10) Ontem, o Pedro acabou de chutar a bola às cinco da tarde.
- (11) * A bomba continuou a explodir.
- (12) * A Lígia parou de partir o braço.
- (13) * Ontem, o comboio acabou de chegar às cinco da tarde.

Por fim, os processos iterados são perfeitamente conciliáveis com “marcadores” que, de alguma forma, suponham dinamismo, comparecendo, sem quaisquer problemas, quer com expressões que remetem para a agentividade (cf. (14)-(16)), quer sob o escopo do Progressivo (cf. (17)). Tal como os restantes eventos dinâmicos, e ao contrário dos estativos, recebem uma leitura preferencial de habitualidade quando combinados com o Presente do Indicativo (18):

- (14) João, salta durante vinte minutos!
- (15) O professor de ginástica obrigou o João a saltar durante vinte minutos.
- (16) O João saltou voluntariamente durante vinte minutos.
- (17) O João está a saltar há vinte minutos.
- (18) O João salta durante vinte minutos (# neste momento / habitualmente).

Tomando como ponto de partida os resultados obtidos através da aplicação dos diferentes “testes” relevantes a que acabámos de proceder, estamos em condições de concluir que as estruturas de iteração, tal como os restantes processos, manifestam as seguintes propriedades identificadoras: são cumulativas e (relativamente) homogéneas, como as relações de inferência a que respondem indiciam; são durativas e atéticas, como a preferência pelos adverbiais de simples duração e os padrões combinatórios com os operadores aspetuais nos confirmam; finalmente, são de natureza dinâmica, como a compatibilidade com expressões agentivas e a leitura preferencial de habitualidade no contexto do Presente do Indicativo nos sugerem.

Importa, neste momento, prestar alguma atenção às propriedades do “*input*” requerido pelas configurações de iteração, nomeadamente no que respeita às restrições que lhe são impostas e à natureza das classes aspetuais admitidas.

Visto que as eventualidades básicas que servem como “*input*” às configurações de iteração são, como vimos, perspetivadas enquanto subfases sucessivas do processo derivado, torna-se necessário que tais situações ostentem uma natureza não homogénea. Isto significa, em última instância, que estados e a maior parte dos processos se encontram, à partida, excluídos deste género de estruturas. Na realidade, dada a homogeneidade manifestada pelas referidas situações, não seria possível identificá-las como constituindo unidades discretas, autónomas ou atómicas, condições necessárias para a sua identificação como subfases sucessivas de um processo iterado.

Concluimos, pois, que as construções de iteração requerem um “*input*” de cariz não homogéneo, delimitado ou, possivelmente, discreto, por forma a responder satisfatoriamente à necessidade de identificação das subfases constitutivas do processo derivado.

Dado que a iteração se constitui como o único mecanismo que torna possível

a sua conversão em eventos de carácter processual, os pontos afiguram-se como o “*input*” preferencial para os processos iterados (cf. (19) e (20)):

- (19) A águia bateu as asas (durante meia hora).
- (20) O João espirrou (durante meia hora).

Porque representam eventualidades tipicamente não homogéneas, as culminações e os processos culminados podem, igualmente, surgir, sem problemas, no contexto sob análise, constituindo “*inputs*” aceitáveis para a operação de iteração (cf. (21)-(24)):

- (21) O João chutou a bola (durante meia hora).
- (22) O Zé fotografou a Câmara do Porto (durante meia hora).
- (23) O João tocou a sonata (durante duas horas).
- (24) Os patos atravessaram o lago (durante toda a tarde).

Contrariamente ao que acontece com os pontos, nem todas as leituras durativas de culminações e de processos culminados dão forçosamente origem a interpretações iterativas. Assim, no contexto de culminações, os adverbiais de simples duração podem medir a extensão do estado consequente (cf. (25) e (26)) e, no contexto de processos culminados, dar conta da extensão do respetivo processo preparatório (cf. (27) e (28)):

- (25) O Luís ligou o computador durante duas horas.
- (26) A Inês fechou o quarto durante meia hora.
- (27) O Pedro pintou a casa durante duas horas.
- (28) O Nuno leu o jornal durante meia hora.

Frases como (25) e (26), na sua leitura preferencial, descrevem a duração dos estados consequentes que resultam das culminações, conduzindo às inferências em (25’) e (26’):

- (25’) O computador do Luís esteve ligado durante duas horas.
- (26’) O quarto da Inês esteve fechado durante meia hora.

Já as frases de (27) e (28) descrevem os processos preparatórios associados aos respetivos processos culminados, a que foram retiradas as culminações, podendo ser parafraseadas por (27’) e (28’):

- (27’) O Pedro esteve a pintar a casa durante duas horas.
- (28’) O Nuno esteve a ler o jornal durante meia hora.

É provavelmente com base neste tipo de observações que Moens (1987) sugere que os pontos, sejam básicos ou derivados, constituem o único “*input*” adequado para a operação de iteração, devendo, nessa medida, as culminações e os processos culminados ser previamente convertidos na referida classe aspetual, por forma a

reunirem todas as condições necessárias para tomarem parte num processo iterativo.

Uma abordagem deste género tem a vantagem, por um lado, de evitar conflitos e ambiguidades no que diz respeito à derivação aspetual dos processos culminados e das culminações no contexto de adverbiais de simples duração, já que determina diferentes percursos no interior da Rede Aspetual para cada uma das suas leituras divergentes, unificando, simultaneamente, a obtenção das configurações iterativas graças à exigência de um “*input*” “constante” e, por outro, de assumir que as subfases sucessivas de um processo iterado são sempre de natureza idêntica, i.e., pontos.

No entanto, o facto de não existirem alterações visíveis ao nível da duração dos eventos básicos que integram o processo iterado coloca importantes reservas à presente proposta. Na realidade, quando usamos uma frase como “O Rui tocou a sonata durante duas horas”, supomos a manutenção da duração inicial dos vários processos culminados básicos, i.e., não nos é fornecida qualquer evidência quanto à modificação da extensão dos intervalos por si ocupados no sentido da sua conversão em eventos pontuais.

Dada a extrema complexidade que envolve a determinação do “*input*” preciso para as construções iterativas, deixaremos para uma outra oportunidade a sua resolução. Seja como for, e tendo em vista os resultados dos “testes” relevantes, podemos concluir que o “*output*” da operação de iteração é sempre de natureza processual, sendo o fator “delimitação” em termos temporais determinante para a seleção do respetivo “*input*”.

Não poderíamos encerrar a presente secção deste trabalho sem fazer uma breve referência ao papel desempenhado pelos meros plurais na obtenção de leituras iterativas.

A importante influência que os argumentos internos têm sobre a determinação de algumas propriedades aspetuais das situações em que tomam parte é desde há muito reconhecida pelos linguistas. Por exemplo, Krifka (1989) observa a emergência de uma relação de homomorfismo que se verifica entre características dos argumentos internos e o “perfil” aspetual das eventualidades: argumentos internos massivos darão origem a predicções de cariz atético (cf. (29)), ao passo que argumentos internos contáveis darão lugar a predicções de natureza télica (cf. (30)):

(29) O João comeu o bolo (em dez minutos). (processo culminado)

(30) O João comeu leite-creme (durante dez minutos). (processo)

Tomando como ponto de partida algumas observações efetuadas, entre outros, por Verkuyl (1993, 1995) e por Geenhoven (2004), procuraremos sugerir, em seguida, que uma relação de homomorfismo se torna igualmente viável no caso de o argumento interno do verbo ser realizado por meros plurais. Nestas circunstâncias, a pluralidade do nominal seria, em contextos adequados, estendida ou transmitida ao todo da predicção.

Comecemos por observar os seguintes exemplos ilustrativos:

(31) O Guilherme comeu bolachas de chocolate.

(32) O Zé fotografou gnus no Quénia.

Frases como as de (31) e (32) são ambíguas entre uma leitura grupal (Landman, 1989), em que é realizado apenas um único evento e o nominal denota um número não especificado de entidades nele envolvidas, e uma leitura distributiva, em que a pluralidade inerente ao argumento interno é projetada homomorficamente sobre o todo da predicação, i.e., em que se verifica uma correspondência direta entre a pluralidade (não especificada) que caracteriza a expressão nominal e o número de eventos efetivamente ocorridos.

Numa leitura grupal, i.e., em que está envolvido um único evento, estas frases serão totalmente compatíveis com adverbiais pontuais, como (33) e (34) nos sugerem:

(33) O Guilherme comeu bolachas de chocolate às cinco da tarde.

(34) O Zé fotografou gnus no Quénia às cinco da tarde.

A interpretação grupal de uma frase como a de (31) pode ser parafraseada por “Existe um único evento em que o Guilherme comeu (por/de uma só vez) um número não especificado de bolachas de chocolate”. Similarmente, uma frase como (32), nesta mesma aceção, receberá a paráfrase “Existe um único evento em que o Zé fotografou (uma só vez) um número não especificado de gnus no Quénia”. Em qualquer dos casos, a pluralidade que caracteriza o nominal não se projeta homomorficamente sobre o todo da situação descrita.

Pelo contrário, nos contextos em que é favorecida uma leitura distributiva destes exemplos, as propriedades quantificacionais dos meros plurais parecem estender-se ou transmitir-se ao todo da predicação, dando, conseqüentemente, origem à ocorrência de um número não especificado de eventos da mesma natureza.

Se, por um lado, os diversos eventos resultantes da operação de distribuição são organizados de forma “contígua”, sem admitirem pausas significativas entre si, de modo a poderem ser encarados como subfases sucessivas de uma única eventualidade e se, por outro, o intervalo de ocorrência da situação, vista como um todo, é relativamente curto e bem delimitado, então estaremos perante configurações de iteração, como (35) e (36) deixam adivinhar:

(35) O Guilherme comeu bolachas de chocolate durante meia hora.

(36) O Zé fotografou gnus no Quénia durante meia hora.

Se, pelo contrário, a extensão do intervalo de ocorrência favorece a presença de pausas entre os diferentes eventos considerados, que, assim, podem ser perspetivados de forma “isolada”, então estaremos perante um caso de quantificação frequentativa (cf. a discussão na próxima secção deste trabalho). (37) e (38) ilustram:

(37) O Guilherme comeu bolachas de chocolate durante duas semanas / durante as férias.

(38) O Zé fotografou gnus durante duas semanas / durante as férias.

Quer estejamos perante uma interpretação puramente iterativa, quer diante de uma leitura de índole eminentemente frequentativa, o facto é que nos confrontamos com casos de evidente homomorfismo: as propriedades quantificacionais de

pluralidade que caracterizam as expressões nominais parecem estender-se ao todo da predicação, dando origem à pluralização dos eventos considerados.³

Em síntese, e tomando em linha de conta todas as observações que têm vindo a ser realizadas ao longo da presente secção, diremos que a iteração se comporta como um verdadeiro operador aspetual que converte uma série de eventos de cariz delimitado, idênticos entre si, numa única situação de natureza processual.

Sistematizamos, em seguida, algumas das propriedades que se nos afiguram mais relevantes no que respeita à identificação de uma configuração iterativa:

- As configurações de iteração convertem um número não especificado de eventos de natureza delimitada ou discreta num único evento de caráter até certo ponto homogêneo, em que as situações repetidas se apresentam como as suas subfases constitutivas.

- As configurações de iteração descrevem tipicamente situações formadas a partir de um conjunto de eventos idênticos entre si, que se organizam em contiguidade, sem suportarem pausas significativas, assumindo o papel das subfases sucessivas de um processo.

- As configurações de iteração ostentam as propriedades características de um evento processual, ou seja, comportam-se como situações de natureza dinâmica, durativa e atética.

- As configurações de iteração requerem, normalmente, um intervalo de ocorrência relativamente curto e bem delimitado.

3. Frequência

Em termos muito gerais, diremos que as construções de frequência dão conta de diversos padrões de simples repetição de eventualidades. Isto significa que, ao contrário da iteração, as configurações frequentativas remetem unicamente para a quantificação de situações, sem ocasionarem quaisquer alterações significativas em termos aspetuais. Nesse sentido, os intervalos de enquadramento em que ocorrem são bastante flexíveis e de extensão muito variável.

Dado que as configurações de frequência não desempenham, em geral, um papel muito determinante no que diz respeito à comutação do perfil temporal interno básico das situações a que se aplicam, não será difícil diferenciá-las das estruturas iterativas que, como já referimos na secção 2, operam sobre as eventualidades com que ocorrem, convertendo-as em processos iterados de tipo derivado.

Tendo em vista que as construções de frequência mantêm inalterada a identidade aspetual das situações a que se aplicam, estas não terão de se constituir como um todo

³ É provavelmente com base nestas observações que Van Geenhoven (2004) propõe tratar a iteração e a frequência como operadores de pluralização sobre eventos. Dado, porém, que defenderemos aqui uma diferenciação clara entre construções iterativas e configurações frequentativas, uma tal explicação, embora plausível, será insuficiente para alcançar os objetivos a que nos propomos, na medida em que, no que diz respeito à distinção em apreço, estão também envolvidos importantes fatores de índole aspetual, como iremos demonstrar ao longo do presente trabalho.

relativamente homogêneo, subsistindo, por conseguinte, a inferência da existência de pausas entre si, em contraste com o que sucede com as estruturas iteradas, em que os eventos básicos se convertem obrigatoriamente nas subfases sucessivas e contíguas de um único processo.

Por outras palavras, poderemos afirmar que as eventualidades que integram uma configuração frequentativa não estão sujeitas a grandes alterações no que se refere à sua estruturação temporal interna básica, bem como a todas as propriedades identificadoras de origem que as acompanham. Ou seja, numa construção de frequência, as diferentes situações representadas mantêm a sua autonomia e independência próprias.

Em consequência, os intervalos de enquadramento que tipicamente acompanham as estruturas frequentativas podem ser de extensão muito variável, em contraste com o que acontece com os processos iterativos, que se encontram forçosamente confinados a períodos de tempo relativamente curtos.

Os exemplos que a seguir apresentamos ilustram a extrema variabilidade no que diz respeito à extensão dos intervalos de tempo em que uma configuração de frequência pode comparecer:

- (39) Entre as sete e as dez / No dia 10 de junho, o meu computador bloqueou várias vezes / frequentemente.
- (40) Na semana passada, encontrei a Maria várias vezes / frequentemente.
- (41) Em 1999, o João foi a Coimbra várias vezes / frequentemente.
- (42) Durante os últimos trinta anos, o António conduziu um Volvo várias vezes / frequentemente.

Em suma, podemos concluir que as configurações frequentativas impõem muito menos restrições às situações que as integram do que as estruturas de iteração, quer no que diz respeito à existência de pausas, quer no que se refere à extensão do intervalo de enquadramento que as acompanha. Uma tal divergência de comportamentos linguísticos deve-se provavelmente ao facto de a expressão da frequência manter a independência e a autonomia das eventualidades que reitera, ao contrário da iteração, que as converte em subfases de um único evento de tipo processual.

Em línguas como o Português, a representação da frequência está normalmente associada à comparação de certos advérbios frequentativos (ex.: *frequentemente*, *ocasionalmente*) e a outras expressões que quantificam sobre situações (ex.: *várias vezes*, *muitas vezes*). No entanto, conflitos entre a duração das eventualidades e a dos advérbios temporais que as acompanham, bem como outras indicações fornecidas pelo contexto, podem conduzir a uma leitura frequentativa.

É importante sublinhar que os padrões de ocorrência de situações descritos nas estruturas frequentativas são muito variáveis. Nesse sentido, os falantes do Português têm à sua disposição formas linguísticas que permitem diferenciar claramente vários “graus” ou “níveis” de frequência. Propomos, assim, a distinção entre expressões que denotam baixa frequência (cf. (43)-(45)), média

frequência (cf. (46)) e alta frequência (cf. (47)-(48)):⁴

- (43) No mês passado, o João telefonou à Maria poucas vezes.
- (44) No mês passado, o João telefonou à Maria ocasionalmente.
- (45) No mês passado, o João telefonou à Maria de vez em quando.
- (46) No mês passado, o João telefonou à Maria algumas / várias vezes.
- (47) No mês passado, o João telefonou à Maria muitas vezes.
- (48) No mês passado, o João telefonou à Maria frequentemente.

Por outro lado, afigura-se-nos de crucial relevância distinguir entre os adverbiais inequivocamente frequentativos, como *ocasionalmente* ou *frequentemente*, que, para além da quantificação a que procedem, denotam um certo padrão de regularidade no que respeita à comparência das situações envolvidas e expressões como “poucas / algumas / várias / muitas vezes”, que apenas parecem apontar para a determinação de uma dada quantidade de ocorrências da eventualidade em causa, sem, no entanto, fornecerem quaisquer indicações concretas acerca da proporcionalidade, ao nível de distribuição, em que tal acontece.

Assim, uma frase como “Em 1999, o João foi a Coimbra frequentemente” supõe não só que, no período de tempo indicado, existiu um número bastante significativo de situações de “o João ir a Coimbra” mas também que tais eventualidades aconteceram em intervalos regulares distribuídos por todo o ano de 1999. Já uma frase como “Em 1999, o João foi a Coimbra muitas vezes” apenas reporta o facto de que o padrão de repetição da situação descrita foi alto, sem, no entanto, fazer qualquer referência à distribuição das eventualidades ao longo do período em questão.

Em suma, diremos que, em sentido estrito, a expressão da frequência dá conta da repetição de uma determinada quantidade (não totalmente especificada) de situações distribuídas regularmente ao longo de um intervalo de tempo. No entanto, no presente trabalho continuaremos a privilegiar a ideia de que a frequência remete, principalmente, para a mera quantificação de eventualidades, pelo que incluiremos na nossa análise, para além dos adverbiais frequentativos, formas como “poucas / algumas / várias / muitas vezes”.

Como já foi dito, as configurações frequentativas limitam-se, por princípio, a dar conta de diferentes padrões de repetição de situações, sem, contudo, conduzirem a quaisquer alterações significativas ao nível do seu perfil aspetual básico.

Isto significa que as propriedades características das eventualidades básicas que integram uma construção frequentativa são, normalmente, preservadas. Com efeito, os dados relativos à comparência de adverbiais temporais parecem confirmar esta hipótese:

- (49) Quando trabalhava na fábrica, a Maria fez várias vezes / frequentemente o almoço em 5 minutos. (processo culminado)
- (50) Quando esteve emigrado, o João trabalhou várias vezes / frequentemente durante 15 horas (seguidas). (processo)

⁴ Como ficará bem claro na secção 4 do presente trabalho, este tipo de diferenciação irá desempenhar um papel crucial no que respeita à descrição de certas divergências ao nível do comportamento linguístico manifestado pelas configurações frequentativas.

- (51) Durante as férias, a Maria acordou várias vezes / frequentemente às 8 da manhã. (culminação)
(52) Durante o inverno, o António tossiu várias vezes / frequentemente às 3 da manhã. (ponto)

As frases em (49)-(52) sugerem-nos, pelo menos até um certo ponto, que o perfil temporal interno básico das predicções a que as expressões frequentativas se aplicam é tendencialmente preservado, na medida em que se mantêm inalterados os diferentes padrões combinatórios com adverbiais temporais característicos de cada uma das classes aspetuais representadas.

Por outro lado, e ao contrário do que sucede com as configurações de iteração, as estruturas frequentativas combinam-se praticamente com todas as classes aspetuais de predicções, não impondo restrições particulares quanto ao tipo de eventualidade a que se aplicam. Este facto sugere que os seus efeitos em termos de seleção aspetual são mínimos.

As frases que a seguir apresentamos ilustram a comparência das diversas classes aspetuais em configurações frequentativas. Excetuam-se, naturalmente, os estados de indivíduo não “faseáveis”, na medida em que, aplicando-se diretamente às entidades que predicam e requerendo intervalos de ocorrência longos e estáveis, tais estativos não aceitam facilmente a repetição, seja de que natureza for. Sublinhe-se, por conseguinte, que a impossibilidade da presença de estados de indivíduo não “faseáveis” em estruturas de frequência não se deve a restrições particulares impostas pela construção em si, mas às próprias características inerentes a estes estativos, que se revelam incompatíveis com quaisquer formas de repetição.⁵

- (53) Em 1999, a Maria esteve várias vezes / frequentemente doente. (estado de “estádio”)
(54) O meu cão foi várias vezes / frequentemente agressivo com as visitas. (estado “faseável”)
(55) No ano passado, a Maria esquiu várias vezes / frequentemente. (processo)
(56) O Rui cantou várias vezes / frequentemente o Hino Nacional na escola. (processo culminado)
(57) Durante a gravidez, a Paula desmaiou várias vezes / frequentemente. culminação)
(58) Durante a noite passada, a Ana espirrou várias vezes / frequentemente. (ponto)

Podemos, por conseguinte, considerar a frequência como simples quantificação sobre situações, dando conta da sua ocorrência num número não especificado de vezes.

O facto de as configurações frequentativas se limitarem a dar conta de padrões de repetição de eventualidades, sem produzir alterações muito significativas em termos do perfil temporal interno básico que as identifica, terá importantes consequências ao nível da sua própria caracterização. Em particular, como vimos, parece favorecer

⁵ Para a discussão e para a fundamentação, em termos semânticos, da classificação dos estativos a que recorremos aqui, veja-se Cunha (2004).

uma grande flexibilidade no âmbito de aplicação das referidas estruturas.

Assim, a ausência de efeitos aspetuais relevantes intrínseca às construções frequentativas poderá ajudar a explicar algumas das propriedades que lhes atribuímos, nomeadamente: a presença de pausas ou hiatos, de extensão variável, entre as situações repetidas; a extrema flexibilidade quanto à seleção de intervalos de enquadramento em que a reiteração de eventualidades pode ocorrer (cf. (39)-(42)); e, finalmente, a grande variabilidade quanto ao número de repetições expresso, patenteada pela distinção entre baixa, média e alta frequência (cf. (43)-(48)).

Dadas todas as observações que acabámos de efetuar, afigura-se-nos plausível encarar o efeito resultante da aplicação das estruturas frequentativas como uma espécie de pluralização de situações (cf. Geenhoven, 2004): tal como sucede com os nominais pluralizados, a expressão da frequência não especifica o número exato de ocorrências da eventualidade repetida. Sob este ponto de vista, podemos dizer que as construções frequentativas permitem exprimir uma pluralidade de ocorrências, mantendo, todavia, a plena autonomia e a identidade de cada uma das situações que as constituem. Com efeito, parecem ser integralmente preservadas, por exemplo, as características em termos espaço-temporais que definem cada uma das eventualidades que participam numa configuração de frequência (i.e., numa frase do género de “O João visitou a Maria frequentemente / várias vezes”, cada uma das visitas particulares mantém, em princípio, as suas propriedades espaço-temporais básicas inalteradas).

A expressão da frequência permite, pois, dar conta de diferentes padrões de repetição de situações do mesmo tipo, preservando, no entanto, a independência e a “individualidade” de cada uma delas.

Em síntese, e tomando em consideração as observações realizadas ao longo da presente secção, estamos em condições de concluir que as configurações frequentativas funcionam fundamentalmente como meros quantificadores sobre situações, exprimindo diferentes padrões de repetição de (um número não especificado de) predicções, cada uma das quais mantém relativamente inalteradas as suas propriedades aspetuais básicas e a sua autonomia espaço-temporal.

Sumarizamos, em seguida, as principais características que permitem identificar as construções frequentativas:

- As configurações de frequência não alteram substancialmente o perfil aspetual básico das eventualidades a que se aplicam, funcionando, em geral, como meros operadores de quantificação ou de pluralização.
- As configurações de frequência admitem, sem problemas, a presença de pausas entre as situações repetidas, o que indicia fortemente a sua independência em termos espaço-temporais.
- As configurações de frequência comparecem em períodos de tempo de extensão bastante variável, não impondo grandes restrições quanto ao tipo de intervalo de enquadramento que as acompanha.
- As configurações de frequência permitem dar conta de padrões de repetição muito diversificados, sendo possível distinguir entre estruturas que apontam para a baixa, para a média ou para a alta frequência de ocorrência das situações. Para além disso, se pensarmos na expressão da frequência em sentido estrito, ela dá igualmente

conta de uma certa regularidade no que respeita à distribuição das eventualidades repetidas pelo intervalo de tempo em que decorrem.

4. Habitualidade

Em termos gerais, diremos que a habitualidade descreve características genéricas e identificadoras dos indivíduos que nela tomam parte. Nesse sentido, as estruturas em causa comportam-se linguisticamente como os estados de indivíduo, embora preservem algumas das propriedades básicas das situações a que se aplicam. Por outro lado, as construções de habitualidade distinguem-se das restantes configurações que exprimem a repetição de eventualidades por decorrerem em intervalos de tempo obrigatoriamente longos e preferencialmente não delimitados.

Mais do que simplesmente quantificarem sobre situações, as configurações de habitualidade dão conta de características gerais que permitem qualificar os indivíduos que nelas se encontram envolvidos. É por essa razão que Krifka *et al.* (1995) as incluem no conjunto de estruturas a que dão o nome de frases caracterizadoras.

Embora compreendam tipicamente repetição de eventualidades, tal como sucede com as construções frequentativas, as estruturas de habitualidade vão para além da mera indicação da ocorrência de um número não especificado de situações, caracterizando, generalizando ou estabelecendo propriedades identificadoras das diversas entidades que predicam. Não surpreende, por conseguinte, que realizem, pelo menos em certa medida, como iremos ver, alguns dos comportamentos típicos dos estados de indivíduo.

Não é, pois, apenas o número ou a quantidade de ocorrências das eventualidades que estão em causa nas configurações habituais, mas sobretudo a sua relevância no que se refere à caracterização das entidades envolvidas. Na expressão da habitualidade estão, assim, implicados conceitos como o de “normalidade”, o de “tipicidade” ou o de “generalização” que, sob um certo ponto de vista, a podem aproximar da representação da modalidade.

Em línguas como o Português, uma leitura de habitualidade pode ser obtida por meio de configurações muito diversificadas. De entre os vários elementos linguísticos que se revelam capazes de conferir uma interpretação habitual às eventualidades com que comparecem, destacaremos o verbo aspetual *costumar* (cf. (59)-(60)); adverbiais que remetem especificamente para a habitualidade ou para a generalização de situações, do tipo de *habitualmente* ou de *geralmente* (cf. (61)-(62)); e certos tempos gramaticais – nomeadamente o Presente do Indicativo e o Imperfeito – que podem ser caracterizados como indutores de estatividade e que, no contexto de predicções eventivas, favorecem uma interpretação preferencial de cariz habitual (cf. (63)-(64)):

(59) O João costuma passear no jardim.

(60) A Ana costumava ler o jornal.

(61) O João geralmente vai de metropolitano para a faculdade.

(62) A Ana telefonava às amigas habitualmente.

(63) O João fuma.

(64) O Manuel nadava nas piscinas do Fluvial.

Importa sublinhar ainda que fatores de natureza contextual podem desencadear, em condições adequadas, uma leitura habitual das predicções: o nosso conhecimento do mundo e o contexto global em que um dado discurso se insere favorecem, por vezes, a perspetivação das situações envolvidas como estados habituais. É o que sucede, por exemplo, quando nos deparamos com adverbiais que, de alguma maneira, apontam para longos períodos de tempo, em interação com eventos básicos cujo perfil aspetual se revela de todo incompatível com a duração especificada. Este parece, na verdade, ser o caso das frases em (65) e (66):

(65) O António fumou durante vinte anos.

(66) O Manuel trabalhou na CP durante trinta e seis anos.

É evidente que, nos exemplos que acabámos de apresentar, a discrepância entre a duração do evento e o intervalo para que remete o adverbial só parece ser interpretável se conferirmos à predicção um valor de reiteração de natureza habitual.

A observação atenta dos exemplos aqui expostos leva-nos, porém, a concluir que se torna extremamente difícil isolar e identificar elementos linguísticos que, por si sós, sejam passíveis de suportar a habitualidade. Pelo contrário, a interpretação habitual parece ser o resultado da interação dinâmica entre múltiplos fatores que envolvem não só a informação explicitamente contida na frase mas também indicações respeitantes ao contexto e ao nosso conhecimento do mundo.

Como já referimos, as configurações habituais perspetivam as situações básicas a que se aplicam como predicções de cariz estativo. As estruturas sob análise tomam como seu “*input*” uma série de situações episódicas do mesmo tipo, quantificando-as e conferindo-lhes um valor genérico, o que se traduz na sua inclusão num estado de tipo habitual.

Mas, ao contrário dos operadores aspetuais geralmente estudados na literatura, as construções de habitualidade não comutam integralmente as eventualidades básicas a que se aplicam. Com efeito, veremos que as estruturas habituais permitem preservar certas características fundamentais das situações que se constituem como o seu “*input*”, combinando-as com as propriedades da categoria de saída a que dão origem, i.e., dos estativos. Neste ponto, contrastam com os operadores aspetuais que procedem a uma completa conversão da situação base numa outra de natureza diferente, apagando todas as marcas da primeira em favor das da segunda.

Na sequência das propostas de Cunha (2004), assumiremos que as configurações que remetem para a habitualidade funcionam como “perspetivadores” aspetuais, ou seja, como elementos linguísticos que, apesar de alterarem substancialmente o perfil temporal interno de uma dada situação, não a transformam ou comutam integralmente, mantendo visíveis algumas das características básicas que a identificam.

Nesse sentido, surpreendemos nas construções habituais a coexistência pacífica de dois adverbiais temporais, ambos indicando medição, um respeitante à categoria de base e outro relativo ao todo do estado habitual. Observem-se os seguintes exemplos:

- (67) A Ana trabalhava / trabalhou 8 horas (por dia) durante os primeiros anos na empresa.
(68) A Rosa Mota correu / corria a maratona em duas horas durante 15 anos.
(69) O João chegava / chegou à faculdade às onze da manhã durante 35 anos.
(70) O meu relógio despertava / despertou às oito horas da manhã durante muitos anos.⁶

Em cada uma das frases aqui apresentadas, os dois adverbiais temporais parecem desempenhar o mesmo tipo de função, a saber, a circunscrição ou medição do intervalo de tempo ocupado por uma determinada eventualidade. No entanto, existem diferenças bastante substanciais entre eles: enquanto os primeiros se destinam fundamentalmente à delimitação do evento básico, os segundos têm escopo somente sobre o estado habitual de cariz derivado.

Por outro lado, os exemplos de (67)-(70) comprovam que os diversos adverbiais que se encontram ligados às situações de base variam consoante a categoria aspetual por elas veiculada, o que significa, em última instância, que se mostram sensíveis a (pelo menos algumas) características definitórias das predicções de origem, mesmo após o licenciamento da interpretação de habitualidade. Este é, sem dúvida, um forte argumento em favor da ideia de que a expressão da habitualidade é tipicamente levada a cabo por um “perspetivador” aspetual, bem diferente, portanto, de um mero operador, cujo “*output*”, como dissemos, perde claramente a “memória” da classe de que provém.

Com base nos factos que acabámos de discutir, proporemos a hipótese de que as configurações habituais combinam, de forma explícita, propriedades das predicções de origem a que se aplicam com características dos estativos, a classe aspetual que, como veremos em seguida, resulta da sua aplicação.

Ao contrário do que sucede com as construções frequentativas que preservam na totalidade as propriedades aspetuais mais relevantes das predicções a que se aplicam, temos vindo a assumir, ao longo da presente exposição, que as estruturas que envolvem habitualidade são, em última análise, de natureza estativa. Existirão, porém, argumentos linguísticos capazes de fundamentar, de modo satisfatório, uma tal tomada de posição? É o que procuraremos investigar em seguida.

A aplicação dos diversos critérios propostos por Cunha (2004) para a deteção da presença de estatividade indicia fortemente que nos encontramos, na realidade, face a construções de índole estativa. Assim (e embora o “teste” da leitura preferencial com o Presente do Indicativo não seja, por razões óbvias, ajustável a estes casos), as estruturas habituais podem surgir, sem dificuldades, sob o escopo do verbo de operação aspetual *passar a* (cf. (71)-(72)) e, integradas na subordinada de orações temporais introduzidas por *quando*, incluem, obrigatoriamente, os eventos presentes na principal (cf. (73)-(74)).

⁶ Notemos, de passagem, que, no que respeita a simples operadores aspetuais, a comparência de dois adverbiais de “medição” temporal (um relativo ao “*input*”, outro ao “*output*”) dá lugar a uma notória anomalia semântica, como exemplos do género de “* A Maria esteve a escrever uma carta em meia hora durante vinte minutos” ou de “* A Ana começou a correr durante vinte minutos às três da tarde” deixam bem patente.

- (71) O João passou a fumar (habitualmente / # neste momento).⁷
(72) O meu cão passou a ladrar de noite.⁸
(73) Quando o João fumava, teve uma síncope cardíaca.
(74) Quando a Rita trabalhava na faculdade, recebeu um prémio de mérito.

Se, como a aplicação dos “testes” relevantes deixa adivinhar, nos encontramos efetivamente perante verdadeiros estativos, importa investigar agora a que subclasse de estado pertencem as construções habituais.

Não se afigura muito difícil provar que as estruturas que envolvem habitualidade veiculam estados de indivíduo. Com efeito, tais configurações revelam-se compatíveis, como já referimos, com o operador *passar a*, manifestam restrições relevantes quanto à coocorrência com adverbiais de mera localização temporal (vejam-se os exemplos em (75)-(76)) e não permitem a comparência de quantificadores do género de *sempre que* (cf. (77)-(78)). Refira-se, porém, que este último facto poderá ser também devidamente explicado com recurso ao princípio mais geral de que as expressões de tipo habitual quantificam sobre eventos, encontrando-se, por esse motivo, incapacitadas para receber qualquer outro elemento que desempenhe uma função semelhante.

- (75) * Ontem, o João fumava habitualmente.
(76) * No dia 1 de junho de 2001, o meu cão ladrava habitualmente.
(77) * Sempre que o João fumava habitualmente, ia para o hospital.
(78) * Sempre que o meu cão ladrava habitualmente, a vizinha queixava-se à polícia.

Em suma, e face ao seu comportamento linguístico, diremos que as estruturas de habitualidade representam estados de indivíduo, obtidos a partir de uma generalização efetuada sobre eventualidades episódicas. Sob este ponto de vista, a função central do “perspectivador” de habitualidade seria a de converter predicções de “estádio” em predicados de indivíduo: graças à múltipla repetição de situações episódicas, obter-se-ia uma característica “genérica” a atribuir ao(s) participante(s) envolvido(s). Isto explicaria o facto de todas as classes aspetuais, exceto estados de indivíduo não “faseáveis”, poderem comparecer em estruturas habituais, como os seguintes exemplos ilustram.⁹

⁷ Refira-se que nos interessa unicamente a interpretação do adverbial relativa à situação integrada no escopo de *passar a* e não à globalidade da predicção, entendida como um todo. Nesse sentido, um exemplo como este servirá fundamentalmente para deixar claro que apenas estados habituais (e não eventos básicos) podem surgir, sem problemas, no contexto em causa.

⁸ Compare-se esta frase com “# O meu cão passou a ladrar”, em que uma leitura habitual da predicção sob o escopo do operador se afigura pouco plausível, tornando o resultado final algo estranho. De qualquer forma, a ser aceitável, este exemplo apenas poderá corresponder à interpretação habitual, em que o meu cão adquiriu a capacidade de ladrar, e nunca à leitura episódica, correspondente a “O meu cão começou a ladrar”.

⁹ Acresce que, tal como já referimos anteriormente, os estados de indivíduo não “faseáveis”, ao caracterizarem diretamente as entidades que predicam e ao requererem um intervalo estável para a sua ocorrência, se revelam, à partida, incompatíveis com quaisquer processos de repetição.

- (79) * O João é habitualmente alto. (estado de indivíduo)
- (80) * A Lígia sabe habitualmente francês. (estado de indivíduo)
- (81) A Ana está habitualmente doente. (estado de “estádio”)
- (82) O meu cão é habitualmente agressivo. (estado faseável)¹⁰
- (83) O Rui joga ténis habitualmente. (processo)
- (84) A Rosa Mota corre a maratona habitualmente. (processo culminado)
- (85) O meu cão salta habitualmente o muro dos vizinhos. (culminação)
- (86) O Pedro espirra habitualmente. (ponto)

Podemos, por conseguinte, concluir que a função central do “perspetivador” de habitualidade é a de generalizar sobre situações de caráter episódico, convertendo-as em estados habituais, uma das realizações possíveis da genericidade em línguas como o Português.

No entanto, como já tivemos oportunidade de sublinhar, as construções habituais não comutam integralmente as situações com que se combinam. Na realidade, enquanto “perspetivadores” aspetuais, preservam algumas das características das predicções básicas a que se aplicam. Este facto é particularmente evidente no que diz respeito às possibilidades combinatórias com os adverbiais temporais (cf. (67)-(70)) e à capacidade de manutenção das relações intradiscursivas que se estabelecem entre eventualidades linearmente ordenadas (cf. (87)-(88)):

- (87) Habitualmente, o despertador tocava, a Maria levantava-se, descia as escadas e fazia o pequeno-almoço.
- (88) Habitualmente, o comboio chegava, os passageiros saíam e dirigiam-se para a praça de táxis.

Embora, encaradas na sua globalidade, as situações representadas nas frases (87) e (88) descrevam estados habituais, não deixam de preservar a interpretação sequencial característica dos eventos básicos de que são formadas. Por outras palavras, verificamos que a quantificação propiciada pelo estado habitual não apaga por completo a relação de sucessividade que os eventos, antes da sua aplicação, estabelecem entre si.

Nesse sentido, e apesar do inegável efeito de “perspetivação” como estados de indivíduo a que dão lugar, as estruturas habituais mantêm acessíveis algumas das mais relevantes propriedades básicas das situações com que comparecem.

Em síntese, uma análise como a que acabámos de propor, alicerçada na noção de “perspetivação” aspetual, permite-nos conciliar o caráter indubitavelmente estativo ostentado pelas construções habituais com a preservação de certas características das eventualidades de origem que nelas tomam parte.

Notemos, finalmente, que uma configuração habitual pode descrever um estado de coisas verdadeiro num determinado intervalo de tempo (por exemplo, no momento da enunciação), sem que qualquer das eventualidades-base que a constituem esteja

¹⁰ A comutação prévia de estados de indivíduo de cariz [+faseável] em processos e a sua posterior reconversão em eventualidades de cariz estativo seria plenamente justificável pela atribuição de um valor habitual às predicções em causa.

a ser atualizada. Ou seja, para que “O João fuma” seja verdadeiro, não é obrigatório que “O João está a fumar” também o tenha que ser simultaneamente. Isto significa, em última instância, que o estado habitual terá lugar num intervalo de tempo que transcende a simples soma dos tempos ocupados pelos eventos que lhe dão origem.

Sob este ponto de vista, diremos que a habitualidade exprime, mais do que uma mera quantificação, uma verdadeira generalização sobre a repetição de situações.

Não é suficiente, por outro lado, a simples ocorrência de um dado evento para formar um estado habitual. Torna-se necessário que o padrão de ocorrências da referida predicação se revele razoavelmente significativo para se converter numa característica típica do(s) indivíduo(s) envolvido(s). Ou seja, o padrão de repetição de situações deve corresponder ou ser concebido como uma propriedade geral das entidades que predica.

Mais do que um conjunto de situações concretas, a habitualidade exprime uma generalização, um potencial, em que a um dado indivíduo é atribuída a característica de se encontrar envolvido num determinado tipo de eventualidade. Assim, uma frase como “O João joga basquetebol” não traduz tanto as diferentes situações particulares em que o João jogou basquetebol, mas antes a propriedade geral correspondente ao estado de “o João ser jogador de basquetebol”.

Tomando em linha de conta toda a discussão que aqui empreendemos, estamos em condições de concluir que as estruturas de habitualidade perspetivam uma repetição de situações como um estado de natureza habitual que dá conta de certas características genéricas dos indivíduos que predica.

As propriedades mais relevantes que nos permitirão identificar as construções habituais são as seguintes:

- As configurações de habitualidade expressam normalmente certas características típicas ou atribuem propriedades de cariz genérico aos indivíduos que predicam, efetuando, assim, uma generalização sobre eventualidades.
- As configurações de habitualidade, ao conferirem propriedades gerais às entidades a que se aplicam, manifestam um comportamento linguístico muito próximo daquele que caracteriza os estados de indivíduo. Porém, não comutam integralmente as situações básicas que nelas tomam parte, funcionando, dessa forma, não como operadores, mas como “perspetivadores” aspetuais.
- As configurações de habitualidade, mais do que quantificarem sobre situações, exprimem propriedades gerais, o que significa, em última instância, que tanto o número concreto de eventos que as integram quanto o grau de frequência em que estes ocorrem não se revelam indicadores particularmente relevantes para o seu licenciamento.
- As configurações de habitualidade, ao descreverem estados de indivíduo, requerem um intervalo de comparência obrigatoriamente longo e estável que, preferencialmente, se apresenta como não delimitado.

5. Distinções entre construções de frequência e de habitualidade

Embora as construções frequentativas e habituais partilhem comportamentos linguísticos que inequivocamente as aproximam, descrevem, na essência, padrões de repetição de situações bem distintos.

Nessa medida, constatámos ao longo das secções anteriores que, enquanto as estruturas frequentativas remetem para a simples quantificação sobre eventualidades, as configurações habituais dão origem a um estado que caracteriza os indivíduos a que se aplicam. Ao passo que a frequência se limita a enumerar a ocorrência de situações, a habitualidade generaliza-as às entidades que predica.

Uma tão significativa divergência em termos do alcance dos efeitos da repetição de situações a que dão lugar terá, necessariamente, importantes consequências ao nível do comportamento linguístico ostentado por estes dois tipos de configuração. Vejamos em que medida.

Uma das distinções mais evidentes que nos permitem traçar uma fronteira clara entre a frequência e a habitualidade tem que ver com as restrições impostas ao intervalo de ocorrência em que as referidas estruturas podem ter lugar. Enquanto as configurações frequentativas manifestam uma grande flexibilidade no que diz respeito ao intervalo de enquadramento que as acompanha, as construções habituais encontram-se limitadas a períodos de tempo longos e estáveis. Assim, e ao contrário do que sucede com as frases que denotam frequência (cf. (89)-(90)), as que exprimem habitualidade dão tipicamente origem a anomalia semântica quando o intervalo em que decorrem é relativamente curto (cf. (91)-(92)).

(89) No dia 10 de junho / Entre as oito e as dez da noite, o meu computador bloqueou várias vezes / frequentemente.

(90) Na semana passada, a Maria telefonou-me várias vezes / frequentemente.

(91) # No dia 10 de junho / Entre as oito e as dez da noite, o meu computador bloqueou habitualmente.

(92) # Na semana passada, a Maria telefonou-me habitualmente.

Por outro lado, a frequência, enquanto expressão da simples quantificação ou da enumeração de situações, parece requerer a ocorrência obrigatória, em termos absolutos, de um número mínimo de eventualidades para que possa ser licenciada. Pelo contrário, a habitualidade, ao generalizar sobre os indivíduos a que se aplica, parece ser bem mais flexível a este respeito. Comparem-se os seguintes exemplos ilustrativos:

(93) (#) O João passa várias vezes / frequentemente o Natal com os pais.

(94) O João passa habitualmente o Natal com os pais.

(95) (#) A Paula participa várias vezes / frequentemente nos Jogos Olímpicos.

(96) A Paula participa habitualmente nos Jogos Olímpicos.

Juízos de aceitabilidade como os que acabámos de apresentar parecem sugerir que, enquanto as configurações frequentativas têm em conta a cardinalidade absoluta no que se refere à ocorrência das situações com que comparecem, as estruturas

habituais, ao procederem a uma generalização sobre eventualidades, privilegiam, de preferência, não tanto o número das suas realizações concretas, mas antes o tipo de relação que estabelecem com os indivíduos que predicam.

Mesmo quando os falantes aceitam exemplos como os representados por (93) e (95), é unicamente a quantidade de ocorrências da situação que parece estar em causa, eventualmente associada, no caso do adverbial de frequência, a uma certa regularidade em termos de distribuição das eventualidades. Pelo contrário, em (94) e (96), não é tanto o número de situações repetidas mas sobretudo a forma como elas se relacionam com os indivíduos envolvidos, conferindo-lhes uma propriedade genérica, que terá uma maior relevância ao nível da sua interpretação.

Uma outra distinção a que já fomos fazendo referência prende-se com o facto de as estruturas habituais manifestarem importantes efeitos ao nível aspetual sobre as situações a que se aplicam, convertendo-as forçosamente em estativos. A expressão da frequência, pelo contrário, parece não acarretar necessariamente tais consequências. Isto significa, em última instância, que as construções habituais ocorrerão preferencialmente com tempos gramaticais que indiciam a não delimitação das situações, como o Presente do Indicativo ou o Imperfeito, ao passo que as configurações frequentativas selecionam tipicamente tempos gramaticais que remetem para o confinamento dos intervalos em questão, como sucede com o Pretérito Perfeito.

6. Conclusões

Iteração, frequência e habitualidade representam três modos distintos de encarar a repetição de situações. Assim, a iteração procede à plena conversão de um padrão de eventualidades idênticas entre si num processo de cariz derivado; a frequência limita-se a quantificar situações da mesma natureza, sem proceder a alterações significativas ao nível das suas propriedades básicas intrínsecas; a habitualidade, por seu lado, generaliza sobre os estados de coisas com que se combina, perspetivando-os enquanto estativos capazes de caracterizar os indivíduos que predicam.

Verificamos, por conseguinte, que as principais distinções entre estes três modos de repetição de situações radicam fundamentalmente nos efeitos aspetuais a que podem ou não dar lugar.

A confirmar a independência e a identidade próprias destas três estratégias de repetição de situações, encontram-se configurações que, de um certo modo, evidenciam a possibilidade da coexistência e da interação que entre elas por vezes somos capazes de surpreender:

(97) Habitualmente, a Maria saltava à vara, ocasionalmente, durante mais de vinte minutos.

(98) Habitualmente, o João espirrava algumas vezes durante meia hora.

Embora, à primeira vista, estes exemplos possam parecer pouco naturais, o facto é que se nos afiguram perfeitamente aceitáveis: (97) integra um processo iterado, formado a partir do evento pontual “saltar à vara”, cuja duração nos é fornecida pela

expressão “durante mais de vinte minutos”. O adverbial *ocasionalmente* caracteriza a frequência – i.e., o tipo de regularidade – de ocorrência da situação em questão. Por sua vez, o adverbial de habitualidade confere ao todo da eventualidade um “perfil” estativo que permite caracterizar o indivíduo envolvido. Da mesma forma, (98) poderá ser parafraseado por “Existiu um hábito do João que consistiu no facto de ele se encontrar envolvido num processo (derivado) de espirrar com a duração de meia hora que se repetiu num número ou quantidade de ocorrências aqui referenciado pela expressão algumas vezes”.

Encontramo-nos, por conseguinte, perante três modos distintos e perfeitamente diferenciados de repetição de situações que, em contextos apropriados, podem coexistir numa mesma e única predicação.

Apesar da sua autonomia própria, confirmada pelas significativas divergências em termos do comportamento linguístico ostentado, iteração, frequência e habitualidade partilham importantes propriedades comuns. Esses pontos de contacto são, por vezes, bem evidentes, como acontece, por exemplo, nos casos em que determinados adverbais de frequência participam em estruturas de natureza estativa, característica esta que, como constatámos, permite identificar as configurações habituais.

Nesse sentido, propomo-nos encarar estas três formas de reiteração de situações como constituindo uma espécie de contínuo ou de escala, em que fatores como o grau de generalização alcançado, a duração do intervalo de enquadramento ou a quantidade de situações que dão corpo ao padrão de repetição podem ser tomados em consideração enquanto elementos relevantes para o seu estabelecimento e organização.